

ARTIGO

Silenciamentos e inquietudes



Para o bem da humanidade e a felicidade do ser humano, somos portadores de uma alma aventureira e inquieta. Nossa finitude e nossas incompletudes nos mobilizam, tanto em pensamento quanto na ação. Infelizmente (ou felizmente?) nosso universo interno possui espaços de liberdade que não conseguimos desfrutar no ceio da vida prática. A vida em sociedade nos impõe limitações.

O contrato social e todo o conjunto de regramento que o circunscreve, muitas vezes, poda as aventuras, viagens e devaneios da razão. Em nome do “bem comum” e da coletividade castramos infinitos sonhos, anseios e desejos da alma. Desde nosso primeiro dar-se conta de estarmos no e com o mundo temos que conviver com esse grande paradoxo: somos livres em pensamento, mas prisioneiros das infinitas convenções sociais no momento da ação. A grande batalha do ser humano é travada entre estas duas díades (reflexão e ação) na construção de novos espaços de possibilidade e instantes de liberdade. Hegel era categórico ao afirmar: o real é racional e o racional é real. Hegel tinha consciência que nem tudo aquilo que é capaz de existir em pensamento, existe na vida prática. Queria, a bem da verdade, afirmar que o ser humano é processo. Ele é provisório e através da práxis poderá se transformar.

Nossa sociedade, que privilegia as relações de troca e essencializa o consumo, por meio de sua elite econômica e da ideologia que lhe dá sustentação, vai impondo valores e necessidades que

manipulam nossas vidas. O capital e todas as suas abstrações volatilizam as relações sociais e constroem mecanismos para suas reproduções. O ufanismo desenvolvimentista, dos portadores do capital e dos intelectuais construtores e divulgadores da ideologia neoliberal, solapa todas as formas de exclusão que inunda o mundo circunscrito por relações sociais capitalista. A voracidade do capital e seus processos de espraiamento desmaterializam a miséria e o abandono, que vivem a grande maioria, através da falácia da condição de liberdade.

Coletiviza-se a produção da riqueza e os processos de sua reprodução e, buscam-se causas nas individualidades para a proliferação dos grandes conflitos e problemas sociais. Pobreza, marginalização e insegurança possuem sua gênese nas incompetências de indivíduos. O desenvolvimento econômico e distribuição de riqueza(sic.) se devem ao neoliberalismo econômico e sua regulação pelo deus mercado. Os criadores da opinião pública naturalizam o surgimento das contradições sociais e o abortamento de possíveis conflitos através do silenciamento.

Inquietudes continuam emergindo na alma daqueles que conseguem captar a ideologia que dá forma e conteúdo às teias do silêncio e do não dito da retórica economicista neoliberal. Mario Quintana, por meio da poesia, escreveu: Se as coisas são inatingíveis... Ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas. Descortinar e romper com as múltiplas formas de silenciamentos que nos podam a liberdade da alma são instrumentos importantes para a projeção de um possível e salutar futuro.

“O real é racional e o racional é real”

Luiz Carlos Nascimento da Rosa

Professor do Centro de Educação da UFSM

DICA CULTURAL

LIVRO

O AVESSE DA VIDA

Quem leu? Pedro Brum Santos (*) **Autor:** Philip Roth (tradução de Beth Vieira)
Editora: Companhia das Letras (ed. de bolso, 2008) **Preço médio:** R\$ 22,00

Em *O avesso da vida*, cada novo capítulo contradiz o anterior. Num sistema de encaixe, as situações das personagens se alternam radicalmente, a ponto de um morto recuperar a condição de vivo e ser mostrado pelo avesso da versão anterior. A história gira em torno de Nathan Zuckerman, protagonista de diferentes narrativas de Philip Roth, aqui às voltas com Henry, o irmão mais novo. Nathan não poupa seu sarcasmo contra o judaísmo familiar. Enfim, Philip Roth em grande estilo neste livro de 1986 que, recentemente, com tradução de Beth Vieira, ganhou edição de bolso da Companhia das Letras. Philip Roth, nas últimas décadas, vem construindo uma multipremiada obra de ficção, a ponto de já ser considerado o melhor escritor norte-americano da atualidade. (*Professor do curso de Letras da UFSM)

